



Artigo

Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo: da repetição à prática

Discourses about human sciences according to bolsonarism: from repetition to practice

Alison Sullivan de Sousa Alves¹, Francisco Vieira da Silva²

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas-RN, Brasil

Resumo

Neste artigo, analisam-se discursos sobre as Ciências Humanas no esteio do movimento social e político denominado de bolsonarismo. O intento é relacionar a repetição de determinadas verdades acerca dessa área do conhecimento com a prática que se revela em ataques institucionais para minimizar esse campo do saber e os sujeitos que nele atuam. Para tanto, busca-se respaldo teórico na perspectiva de Michel Foucault acerca do enunciado, do discurso, da prática discursiva, da formação discursiva, do poder, do saber e da verdade. O *corpus* de análise percorre diversos enunciados produzidos pelo presidente Bolsonaro, os ex-ministros da Educação e demais apoiadores, os quais tiveram repercussão na mídia digital. Trata-se de um estudo descritivo-qualitativo, cuja abordagem segue um viés predominantemente qualitativo. A análise possibilita entrever que a repetição de discursos desfavoráveis às Ciências Humanas revela um projeto de poder autoritário e unilateral que objetiva, sobretudo, minar a emergência de um sujeito crítico que possa contrariar as vontades de verdade da prática discursiva bolsonarista. Na medida em que concebe esse campo do saber como um alvo a ser atingido, como um inimigo em potencial, o projeto bolsonarista se propõe a descaracterizar as pesquisas das Ciências Humanas junto à opinião pública e, com isso, sucatear as instituições de ensino e precarizar a pesquisa científica.

Abstract

In this paper we analyze discourses about Human Sciences within the social and political movement called *Bolsonarism* (movement in favor of the Brazilian president Jair Bolsonaro). Our objective is to relate repetitions of specific truths about this area to practices revealed by institutional attacks that minimize this field of knowledge and the subjects who work with it. Taking it into consideration, we support this work with theoretical perspectives proposed by Michel Foucault about enunciation, discourse, discourse practice, discourse formation, power, knowledge and truth. The *corpus* of this work surrounds a variety of enunciations made by the president Bolsonaro, former educational ministers and further supporters, which rebounded on digital medias. The study has a descriptive-qualitative character, with predominating qualitative approaches. Our analysis allows to perceive that the repetition of adverse discourses about Human Sciences reveals a project of unilateral and authoritarian

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-8044-440X> E-mail: alisonsullivanrn@gmail.com

² Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826> E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

power which primarily objectives to hinder a raising of subjects with critical opinions that may counteract the wills of a *bolsonarist* practical discourse. As it conceives this knowledge field as a target to be aimed, as a potential enemy, the *bolsonarist* project proposes to mischaracterize Human Sciences' researches along the public opinion and, therefore, to scrap educational institutions and impoverish the scientific research.

Palavras-chave: Análise do discurso, Ciências humanas, Poder político, Bolsonarismo.

Keywords: Discourse analysis, Human Science, Political power, Bolsonarism.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar discursos sobre as Ciências Humanas no esteio do movimento social e político que emerge com a eleição presidencial do candidato Jair Bolsonaro, com vistas a articular a recorrência de determinadas verdades acerca desse campo do saber com a política de desmonte do governo federal em relação à pesquisa científica nesta área. Consideramos, nesse escrito, que o discurso é uma prática que constrói os objetos de que fala e, portanto, gerencia certas escolhas e atitudes políticas. Noutros termos, o ataque incisivo à área de Ciências Humanas, termo que se amplia para além do que é institucionalizado no rol do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e agrega campos correlatos, materializa-se em ações pontuais de desconfiguração dos estudos realizados nessa área, de ameaça e perseguição a pesquisadores, dos cortes de recursos e incentivos financeiros. Nessa medida, não se trata apenas de uma prática retórica e eleitoreira em que o candidato Jair Bolsonaro se agarrou para conquistar votos de setores mais conservadores da sociedade, mas como de um projeto político que se baseia em determinadas estratégias de saber e poder, meticulosamente tecidas para minar a construção de um campo de saber historicamente assentado.

Jair Bolsonaro, mesmo depois de décadas como parlamentar, nunca teve nenhuma expressividade na constituição de aprovação de projetos e participação efetiva em comissões. O então deputado ficou conhecido por polêmicas, as quais se materializavam em ataques pessoais a colegas, como no episódio da deputada Maria do Rosário (PT/RS), em que o político asseverou "não estupro, porque você não merece", em discussões em programas de televisão, como o Superpop (RedeTV), apresentado por Luciana Gimenez, nas quais imperavam a misoginia, o racismo e a homofobia, no apelo à tortura, quando da votação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 11 de abril de 2016. Some-se a isso uma miríade de declarações realizadas em outras entrevistas e postagens nas redes sociais, nas quais o então deputado, depois candidato e hoje presidente deixou fluir seu *ethos* tido, por muitos, como sincero e avesso à ditadura do politicamente correto. Esse percurso permite-nos pensar em como esse político construiu uma imagem de si favorável àqueles que se identificam com uma retórica supostamente antissistema, autêntica e corajosa.

Na proposta do plano de governo do candidato Bolsonaro, cadastrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para o pleito de 2018, lê-se, logo na apresentação: "Propomos um governo decente, diferente de tudo aquilo que nos jogou em uma crise ética, moral e fiscal. Um governo sem toma lá-dá-cá, sem acordos espúrios" (PROPOSTA DE PLANO DE GOVERNO, 2018, s.p). O tom revolucionário adotado no plano ("diferente de tudo aquilo") é reiterado pelas matrizes que compõem o

bolsonarismo no interior de um posicionamento político aliado à extrema direita, tais como nacionalismo ("Brasil acima de tudo"), militarismo, autoritarismo, conservadorismo ("Deus acima de todos") e combate a um suposto inimigo de esquerda, mimetizado na imagem do PT, e um curioso flerte com o neoliberalismo, a partir da máxima "Mais Brasil, Menos Brasília" e o apelo às privatizações. No tocante à educação, o plano de governo nos mostra que é preocupação da chapa encabeçada por Bolsonaro o seguinte aspecto: "Conteúdo e método de ensino precisam ser mudados. Mais matemática, mais ciência e português, **sem doutrinação e sexualização precoce**. (PROPOSTA DE PLANO DE GOVERNO, 2018, grifos do autor). Noutro trecho do plano, deparamo-nos com a passagem: "[...] Isso inclui a alfabetização, expurgando a ideologia de Paulo Freire [...] Um dos males atuais é a forte doutrinação". A repetição do termo doutrinação, acompanhada da aversão a Paulo Freire e o combate à chamada "sexualização precoce" situa-se num mesmo plano de discursividade: o perigo advindo de reflexões sobre a sociedade, em que se incluem o debate sobre os sistemas de poder (Paulo Freire) e a ampla discussão sobre sexualidade ("a sexualização precoce"). Tais reflexões são encabeçadas pelo mantra da doutrinação, por meio do qual se pressupõem professores politicamente engajados que deturpam as subjetividades infantis e as tornam profetas mirins de ideologias perversas como o comunismo e o socialismo.

Essa última construção, aqui pincelada, perpassa todo o ataque às Ciências Humanas, notadamente no âmbito do ensino superior, haja vista o reconhecimento danoso da doutrinação por elas impetrada. Avulta-se, portanto, uma série de medidas que visa a tornar a escola um espaço supostamente neutro acerca de temas que sejam "ideológicos", como se isso fosse possível, por meio de movimentos organizados como o Escola sem Partido, a criação do fantasma da "ideologia de gênero" e, ao mesmo tempo, a ênfase nas escolas civis-militares como uma alternativa ideal para a consecução de um projeto de poder que prioriza uma formação desvinculada de quaisquer temas que possam questionar as verdades estabelecidas. Portanto, vemos, nessa breve retomada, como as Ciências Humanas, em alguma medida, constituem o inimigo a ser combatido. As estratégias demandadas para tal intento serão mais bem descritas nos tópicos subsequentes.

Ponderaremos o objeto de análise deste estudo na perspectiva do pensador francês Michel Foucault, a partir dos conceitos de discurso, enunciado, formação discursiva, prática discursiva, saber, poder e verdade. As reflexões desse autor mostram-se profícuas para pensarmos nas condições históricas que fazem emergir determinados tipos de discurso num certo tempo e lugar, bem como as estratégias de saber-poder mobilizadas na construção desses discursos. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo, de natureza qualitativa.

Nos tópicos seguintes, seguimos o percurso investigativo para, num primeiro momento, discutirmos, de maneira mais global sobre a educação no âmbito do bolsonarismo e, posteriormente analisarmos a construção de verdades sobre as Ciências Humanas e a negação destas na constituição da prática discursiva bolsonarista. Na última seção, tratamos de tecer um efeito de fim para as inquietações aqui dispostas.

Sob o signo do bolsonarismo: a educação como alvo

Brasília, 26 de abril de 2019. O Presidente Bolsonaro anuncia, por meio de sua conta no *Twitter*, que irá realizar cortes no Ensino Superior na área de Ciências Humanas com a justificativa de que “a função do governo é respeitar o dinheiro do contribuinte, ensinando para os jovens a leitura, escrita e a fazer conta e depois um ofício que gere renda para a pessoa e bem-estar para a família, que melhore a sociedade em sua volta”, parafraseando o seu Ministro da Educação, Abraham Weintraub. Nesse enunciado, o Governo Federal demonstra o que seria o projeto para a educação brasileira, ou seja, o que os jovens precisam é aprender a ler, escrever, fazer conta e buscar um trabalho para sustentar suas famílias. Quer dizer, uma formação meramente utilitarista que gere como corolário a rápida inserção no mercado de trabalho. Quando Foucault (2008) conceitua o termo discurso, ele o faz a partir da relação com a noção de enunciado. Conforme o autor francês, o discurso é formado por um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva. O enunciado é, portanto, o átomo do discurso, a unidade mínima de análise que se expressa sob a forma de uma função a cruzar diferentes domínios. Essa função é formada pelas seguintes propriedades: i) referencial – diz respeito às leis de possibilidade que fazem emergir o enunciado como elemento singular; ii) posição de sujeito – concebida não como o sujeito autor, nem o sujeito empírico, mas como uma posição discursiva que se ocupa num dado enunciado; iii) domínio associado – refere-se à relação do enunciado com dizeres ditos antes e outros ainda a serem formulados; iv) materialidade repetível – consiste numa substância, num suporte, numa data que possibilite o enunciado vir a lume.

No caso do *tweet* de Bolsonaro, entendemos que o referencial diz respeito às condições de emergência do enunciado dotado de uma dada singularidade. Essas condições dizem respeito ao alinhamento político do presidente e, portanto, a uma concepção específica acerca da educação que, por sua vez, delinea um posicionamento discursivo, segundo o qual a escola deve cumprir um papel essencialmente instrumental, o que significa o apagamento das Ciências Humanas. Tal enunciado não é novo, pois se alinha a uma rede de dizeres produzidos noutros momentos históricos. Basta pensarmos, por exemplo, nas reformas educacionais empreendidas no decurso da ditadura militar brasileira (1964-1985), cujo imaginário social preconizava a ordem num regime com clara tendência de disciplinar a sociedade (MARTINS, 2014). Por fim, o enunciado insere-se numa materialidade repetível por meio da plataforma *Twitter*, a qual não apenas constitui um suporte para a irrupção enunciativa, mas uma mutação nos modos do sujeito político enunciar na contemporaneidade, mais precisamente a partir da brevidade e certa fluidez do discurso político hoje.

Por meio de um olhar retroativo, a partir do exame de algumas práticas e discursos do governo de Bolsonaro, veremos que o ataque às Ciências Humanas emoldura uma repetição discursiva e se enceta em ações pontuais de combate a essa área do saber como um mal a ser erradicado, conforme já propunha o plano de governo. Conforme reportagem do Estado de São Paulo, “o Ministério da Educação (MEC) apresentou duas propostas novas para a área: um projeto de lei que dispõe o direito sobre a educação domiciliar e um decreto presidencial que institui a Política de Alfabetização Nacional” (O ESTADO DE S. PAULO, 2019, s.p.). Na verdade, o MEC foi notícia mais pelo contingenciamento de verbas e pela troca de Ministros, os

quais reverberam o teor ideológico de Bolsonaro em torno dessa questão, que por projetos que efetivamente melhorem o ensino. Tanto Vélez Rodriguez, quanto Abraham Weintraub, integram o grupo olavista que acredita que a educação ocidental está impregnada pelo "marxismo cultural"³ e, por isso, o campo científico não seria capaz de trazer resultados de pesquisas que não estejam contaminados pela influência comunista de esquerda, tornando os estudantes em militantes políticos e não em sujeitos autônomos perante o seu objeto de estudo e a própria sociedade.

A influência do escritor e astrólogo Olavo de Carvalho é assaz presente na construção do bolsonarismo, na medida em que a chamada "nova direita" ou "direita radical", conforme Santos e Tanscheit (2019), converge o neoliberalismo e o autoritarismo de um modo inédito. Os autores frisam que essa curiosa simbiose é matizada pela emergência de uma moralização política do debate público e o apelo ao mercado como o elemento preponderante na condução da economia, em detrimento ao Estado. Para corroborar essa moralização, a figura de Olavo de Carvalho, mormente denominado de "guru de Bolsonaro" é uma peça central. O escritor, embora resida nos Estados Unidos, é atuante nas redes sociais e faz sucesso junto aos internautas de direita, o que se expressa junto ao crescimento vertiginoso nas vendas de seus livros, desde a época da campanha de Bolsonaro. Em seus escritos e cursos, fala francamente sobre temas como aborto e homossexualidade, bem como endossa a tese de que a esquerda está infiltrada em todos os setores da sociedade e faz parte de um plano global de dominação, por meio do chamado "marxismo cultural". Sobre isso, Curcino (2019) analisa *lives* do presidente e compreende que a recorrência de livros escritos pelo autor antes mencionado situa-se no rol dos livros recomendados por esse político, assim como a Bíblia e o livro de memórias do Coronel Brilhante Ustra. No primeiro pronunciamento de Bolsonaro, como presidente, Curcino (2019, p. 486) entende que o antiesquerdismo manifesto e "a alusão conspiratória quanto ao destino do país confirmam essa referência a Olavo de Carvalho, essencial e de origem, mas não verbalizada como tal, não designada nominalmente, não ostentada de modo particular".

O combate ao "marxismo cultural" que o olavismo enxerga na ciência do Ocidente pauta-se na "negação do procedimento científico através da sobreposição da vivência e do testemunho à mediação metodológica [...], enquanto uma das principais características da corrente ideológica que aprendemos a chamar de 'bolsonarismo'" (OLIVEIRA, 2020, p. 82, grifo nosso). Assim, pelas ideias negacionistas olavistas, a "observação direta, através da qual o pensador livre experimenta com o próprio corpo a realidade, sem ser condicionado por nenhum tipo

³ Trata-se de um argumento defendido por Oliveira (2020) em um dos capítulos da obra: *Do fake ao fato: (des) atualizando Bolsonaro (2020)*, de que o olavismo é pautado numa radicalização cartesiana de um "regime epistemológico que possui raízes profundas na história da epistemologia ocidental" (OLIVEIRA, 2020, p. 84). O autor lembra que o cartesianismo deixou influências determinantes na história das ciências modernas. Portanto, o negacionismo olavista não é fruto de uma insanidade coletiva que veio para perturbar a ordem e, cabe lembrar, que ele já está presente no alto escalão do governo de Bolsonaro. Em seu objetivo de buscar uma coerência interna desse discurso negacionista, Oliveira percebeu que "se quisermos entender o que está acontecendo no Brasil, precisamos situar o olavismo na longa temporalidade, reconstruindo a trajetória da tópica da autoridade semântica do corpo ao longo dos últimos vinte e cinco séculos" (OLIVEIRA, 2020, p. 96).

de mediação metodológica, é a única forma possível de produção do conhecimento verdadeiro” (OLIVEIRA, 2020, p. 84).

Esta perspectiva torna-se possível e ganha ressonância na sociedade contemporânea, entre outras questões, graças ao contexto da chamada pós-verdade, termo escolhido como a palavra do ano pelo Dicionário *Oxford*, em 2016, e designa um movimento em que a verdade deixa de ser produzida no esteio de instâncias legitimadoras de poder e entra no campo da convicção pessoal e do posicionamento de cada um. Dessa maneira, trata-se de um desejo de verdade que, na “pós-verdade”, pauta-se em um movimento que se “confundiria com a própria verdade e que serviria de explicação, ao menos em parte, da grande disposição dos sujeitos pela divulgação de opiniões baseadas em *fake news* ou em informações frágeis” (SEIXAS, 2018, p.124). Logo, tem-se um terreno aberto para a disseminação de ideias que, embora não encontrem respaldos metodológicos e científicos, aplicam-se com certa facilidade na mente de muitas pessoas, conduzindo a um conhecimento “alternativo” e frágil da realidade.

Portanto, é esse conhecimento genérico e periférico que vemos em prática no projeto de educação do bolsonarismo, pautado numa ideia de combate à “ideologia freiriana”⁴ que, segundo matéria publicada pelo *Huffpost*, representaria, para Bolsonaro, o “símbolo máximo do fracasso da gestão do PT que começou quando foi construída a lápide da educação, que está lá embaixo na entrada do MEC, que é esse mural do Paulo Freire. Representa esse fracasso total e absoluto” (BOLSONARO, 2019, s.p.). Sua ideologia, portanto, faria parte desse universo científico, conduzido por esse “marxismo cultural” que representa, no Brasil, entre outros vieses, uma “filosofia do Paulo Freire da vida, esse energúmeno, ídolo da esquerda” (BOLSONARO, 2019, s.p) e, por esse motivo, caso fosse eleito Presidente, entraria “com um lança-chamas no MEC para tirar o Paulo Freire de lá” (HUFFPOST, 2019, s.p.).

De fato, vemos um verdadeiro projeto de deseducação dentro do próprio MEC quando cortou os gastos das Universidades e Institutos Federais, quando prometeu revisar os livros de História em relação ao golpe civil-militar de 1964 e a Ditadura Militar que se instalou no país, quando põe à frente de um Ministério tão importante, ministros ressentidos ideologicamente e cujos interesses estão acima da comunidade científica e escolar brasileira, quando se mostra totalmente inepto frente ao papel da educação frente à crise sanitária da pandemia da Covid-19, no que diz

⁴ Paulo Freire (1921-1997), educador e filósofo brasileiro, “é considerado um dos principais pensadores da história da pedagogia mundial, tendo influenciado a pedagogia crítica. Sua prática tinha como fundamento a *premissa* de que o estudante assimilaria o objeto fazendo seu próprio caminho, e não seguindo um já construído. Paulo Freire ganhou 41 títulos de doutor honoris causa de universidades como Harvard, Cambridge e Oxford. O educador foi preso em 1964, viveu no Chile durante exílio e percorreu diversos países, levando seu modelo de alfabetização. Em 1979, com a publicação da Lei da Anistia, o filósofo retornou ao Brasil”. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaristas-nao-querem-paulo-freire-patrono-da-educacao/>> “Freire é o único autor brasileiro que aparece na lista dos 100 livros mais requisitados pelas universidades de língua inglesa. A obra *Pedagogia do Oprimido* é a terceira mais citada no campo da ciência. Ele é estudado nas 20 melhores universidades do planeta. No fim do ano passado (2018), foi indicado como um dos principais educadores da humanidade pela publicação francesa *Revue Internationale d'Éducation de Sèvres*”.

Disponível em:

https://www.huffpostbrasil.com/entry/paulo-freire-energumeno_br_5df7d8fae4b0ae01a1e51db2

Acesso em: 02 jul. 2020.

respeito a políticas alternativas para o ensino perante essa realidade e tantas outras questões que demonstram um Ministério da Educação completamente desconectado da realidade e da verdadeira necessidade do setor para o país.

Desse modo, revela-se um saber político que se desemboca em um projeto de poder, o qual visa a delinear os gestos, as atitudes, os comportamentos, os hábitos e os discursos realizados pelo corpo físico e social (MACHADO, 1998). Trata-se de aspectos basilares do nascimento e do exercício dos micro-poderes que, embora não sejam criações do Estado, partem dentro dele e são constituídos a partir das noções dos atores políticos que estão no topo da hierarquia estatal e, de certa forma, acabam determinando como, “os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social *mesmo que*, neste complexo, os micro-poderes *existam* integrados ou não ao Estado” (MACHADO, 1998, p. VIII, grifo nosso).

Portanto, o modelo de ensino do bolsonarismo visa a romper com a ordem institucional em relação à educação ou, em outras palavras, com a ideologia esquerdista que tinha como projeto principal, de acordo com o discurso bolsonarista, a sexualização das crianças na educação básica, a militância política comunista no Ensino Superior e o viés ideológico em pesquisas científicas. Por isso, criou a *fake news* do *kit gay*, o recrudescimento do projeto Escola Sem Partido⁵ e aposta numa pseudoneutralidade metodológica que, pelo olavismo, visa a conduzir os sujeitos a uma experiência pessoal, pela qual se tira suas próprias conclusões da realidade e da verdade a partir de uma emancipação individual, pautada numa “ação voluntariosa de pensadores livres que *sejam* capazes de se libertar da influência do marxismo cultural, construindo saberes pautados na observação direta e independente” (OLIVEIRA, 2020, p. 84, grifo nosso).

A educação, sob o bolsonarismo, limita-se em “libertar” o Brasil da ideologia comunista, disseminada pelo “marxismo cultural”. Nisso, o discurso de Weintraub na estarecedora reunião ministerial de 22 de abril de 2020, na época, Ministro da Educação do governo Bolsonaro, reverbera não apenas o que significou a sua gestão à frente da pasta, isto é, sem nenhum projeto importante para a educação brasileira e envolvida com inúmeras polêmicas que só demonstravam o seu viés ideológico, contaminando todas as ações do MEC, mas, sobretudo, que não se tratava apenas de um despreparo técnico, mas, uma convicção de que estava fazendo o certo, ou seja, libertando o povo da ideologia de Paulo Freire; logo, projetos educacionais não eram necessários, visto que o grande clamor da população brasileira seria por liberdade.

Aliás, contrariando seu discurso de militarização da educação básica, o Presidente Bolsonaro escolheu, para o Ministério da Educação, dois nomes ligados à ala ideológica olavista ao invés de dar preferência a militares com um currículo à altura da pasta. Tanto Ricardo Vélez Rodríguez quanto Abraham Weintraub, ambos ex-Ministros do governo Bolsonaro, tornaram-se conhecidos muito mais pelas polêmicas nas quais se envolveram do que por medidas educacionais para o país⁶.

⁵ “Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou o ‘*kit gay*’”, manchete do jornal *El País*, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html>. Sobre o Projeto Escola Sem Partido: <<https://www.politize.com.br/projeto-escola-sem-partido/>>; <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/especialistas-desconstroem-os-5-principais-argumentos-escola-sem-partido/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

⁶ Weintraub deixou o governo Bolsonaro sob muitas críticas, acusações de ter fugido do país para fugir de uma possível prisão pelo STF no inquérito das *fake news* e sem conseguir que o Congresso aprovasse seu principal projeto para a educação, o Future-se. Disponível

Nesse bojo, as ciências humanas, conforme o enunciado produzido por Weintraub, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, estariam na base do que ele denominou de “balbúrdia”, ao referir-se ao contingenciamento de verbas, em abril de 2019. De acordo com o ex-ministro, “Universidades que, em vez de procurar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas” (WEINTRAUB, 2019, s.p). A chantagem do ocupante da cadeira do MEC pauta-se num viés puramente político-ideológico na distribuição de recursos, ao se valer de um critério pouco obscuro na efetivação das verbas que são necessárias ao custeio das universidades.

A aparente opacidade do termo “balbúrdia” pode ser articulada ao plano de doutrinação de que falava a proposta de governo de Bolsonaro na campanha de 2018. O corte de recursos seria uma forma punitiva de exercer um poder sobre as instituições, de maneira horizontal e antidemocrática. Conforme Foucault (1999), toda relação de poder matiza-se num efeito do saber. Este é concebido como aquilo que pode ser dito no interior de uma prática discursiva. Compreendendo que esta, de acordo com Foucault (2008), constitui um conjunto de regras que possibilita as condições de existência da função enunciativa, é imperioso pensarmos que o saber que norteia o ataque de Weintraub repousa na necessidade de combater a doutrinação existente nas universidades, local em que imperava a plantação de maconha e a produção de drogas sintéticas, conforme salientou o referido ex-ministro em audiência na Câmara dos Deputados, no mês de dezembro de 2019. Assim, o saber – a universidade é um local pernicioso – congrega para relações de poder – é preciso puni-las – por meio de um contingenciamento de recursos que, conforme se viu, mostrou-se como um estratagema para gerar um clima hostil e desgastante. Todavia, trata-se de uma relação coerente com o que deve ser dito no interior da prática discursiva bolsonarista e o pavor em relação aos dissidentes, aos que não coadunam com esse posicionamento político.

A verdade bolsonarista sobre as Ciências Humanas

O projeto ideológico olavista, dentro da prática discursiva do bolsonarismo, tem sido reverberado pelo governo Bolsonaro em ações que demonstram um verdadeiro desinteresse pelas Ciências Humanas. Desse modo, “uma portaria do MCTI (Ministério da Ciência, Tecnologias, Inovações e Comunicações) publicada em março de 2020 [...], excluiu as ciências humanas das prioridades de projetos de pesquisa no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) até 2023” (SIMON, 2020, s.p). Não se trata apenas de uma medida isolada, mas, parte de um verdadeiro desmonte das Humanidades promovido pelo Ministério da Educação e que visa, entre outras questões, reduzir os “mecanismos de financiamento de pesquisas na área” (SIMON, 2020, s.p.). Portanto, seguindo esse pensamento, a Capes estabeleceu um gigantesco corte nas bolsas de estudos distribuídas nos cursos de pós-graduação que, de acordo com as novas regras, vão “cortar benefícios mesmo de universidades e cursos considerados de excelência no país” (SIMON, 2020, s.p.). Como exemplo dramático dessa nova realidade temos a...

em:<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/25/weintraub-deixa-saldo-negativo-e-projeto-sem-perspectiva-no-congresso.htm>> Acesso em: 02 jul. 2020.

Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), que, segundo o Ranking Universitário Folha (RUF), divide com a USP (Universidade de São Paulo) o topo do ranking das melhores universidades do Brasil, o programa de engenharia elétrica será o mais afetado. O curso, que tem nota 6 em uma escala que vai até 7 no conceito da própria Capes, terá 40 bolsas a menos: 21 no doutorado e 19 no mestrado (SIMON, 2020, s.p.).

A redução das bolsas para estudantes de pós-graduação, neste sentido, entra em convergência com a retirada das Ciências Humanas da lista de prioridades de pesquisa do CNPq, como mostramos anteriormente e nos revela que "as mudanças nas agências vão ao encontro da visão do governo de que o fomento à ciência tem de dar retorno imediato" (SIMON, 2020, s.p.). Ora, no entendimento de Bolsonaro, esse retorno "imediato" não diz respeito às áreas das Humanidades, visto que a grande necessidade do país, segundo o seu discurso, concentra-se em obter um conhecimento sazonal que garanta o sustento da família. Não existe a preocupação com uma qualidade em relação ao pensamento crítico, tendo em vista que, de acordo com o seu entendimento, existe uma "certa tara por parte da garotada em ter um diploma. É bom? Sim, vamos ter nossos mestres, nossos doutores, sim. Mas se você no Ensino Médio colocar algo técnico, você melhora nossa economia" (BOLSONARO, 2018, s.p.).

Nessa entrevista concedida ao Jornal Nacional, durante a campanha eleitoral de 2018, o então candidato Bolsonaro explicita uma posição enunciativa acerca da Educação Superior, especialmente, das ciências humanas, tendo em vista que, em sua "preocupação" com a economia, a solução viria de cursos técnicos e profissionalizantes na educação básica. Entretanto, dada a total falta de projetos para essa modalidade escolar, podemos dizer que seu discurso reduziu-se a uma estratégia meramente eleitoreira, que visa a mostrar um projeto de completo abandono da ciência brasileira por parte do Governo Federal. Em outras palavras, não há interesse em formação superior e, ciência, não é importante para o Presidente da República, principalmente na área de Humanas já que a intenção do Governo Bolsonaro é investir "mais recursos para pesquisas de verdade e não aquelas *cujos* padrões ensinam [...] a *promiscuidade*", conforme reitera o filho do presidente Carlos Bolsonaro, numa publicação no *Twitter*, em 22 de setembro de 2019.

Ainda de acordo com o vereador, "os militantes vão perdendo recursos de doutrinação para que o brasileiro que leva a sério os estudos possa dar resultados e tire nosso país na condição de chacota internacional em pesquisas". Vemos, nesse enunciado, mais uma vez a repetição do termo doutrinação e o fato de ser preciso reduzir os recursos para tal empreendimento, os pesquisadores seriam militantes e as pesquisas seriam vexatórias. Para corroborar esse posicionamento discursivo, o filho do presidente mostra a foto de um *banner* de um trabalho apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, que trata do sexo anal. A estratégia discursiva matiza-se por um debate moralizante que insere o tema no âmbito da chacota, de modo a apelar aos internautas para a defesa irrestrita da austeridade na área de Ciências Humanas e o investimento em outros campos, considerados prioritários.

Além disso, rastreamos a recorrência em torno de argumento segundo o qual não apoiar certo tipo de pesquisa, considerado irrelevante no raio de alcance da postura conservadora, seria uma forma adequada de aplicação de recursos públicos

para o que esta parcela considera essencial, produzindo, desse modo, o efeito de que o povo está participando da gestão. Numa postagem do dia 26 de abril de 2019, Bolsonaro assim se pronunciou no *Twitter*: "Ministro da Educação Abraham Weintraub estuda descentralizar investimento em faculdades de filosofia e sociologia (humanas). Alunos já matriculados não serão afetados. O objetivo é focar em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte, como: veterinária, engenharia e medicina". O fato é que a posição que o presidente Bolsonaro enuncia,, encapsular a descentralização na área de Humanas, sob o argumento de que é preciso injetar recursos em outras áreas, mostra-nos o entroncamento entre um saber (as ciências humanas são dispensáveis) e um poder (é preciso reduzi-las). Nesse posicionamento, a questão fiscal entra como um subterfúgio para tentar justificar o vaticínio de áreas que potencialmente se mostram perigosas para o projeto político bolsonarista.

Assim, as Ciências Humanas são tão questionadas, porque se afastam dessa tônica imediatista e utilitarista que outras áreas podem gerar, quer dizer são "[...] saberes cujo valor essencial está completamente desvinculado de qualquer fim utilitarista [...]" (ORDINE, 2016, p. 9). Ainda na voz do autor, "[...] não é por acaso que nas últimas décadas as disciplinas humanísticas tenham passado a ser consideradas inúteis e tenham sido marginalizadas não somente nos currículos escolares e universitários, mas sobretudo nos orçamentos governamentais" (ORDINE, 2016, p. 21).

Esses discursos pautam-se em verdades, vistas por Foucault (1998), não como uma entidade transcendental e inefável, mas como uma construção histórica que inexistente fora das relações de poder. Na voz de Foucault (1998, p. 12), "[...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentadores de poder". Nessa medida, produz-se, por meio de um recorte do real (o banner do evento, por exemplo), um efeito homogeneizante para toda uma área do saber, a ser sancionada por estar fora do escopo de um projeto de poder que não lida com o diferente, com o contrário, com as minorias. Antes mesmo de assumir o Ministério da Educação, Weintraub asseverou, numa transmissão ao vivo pela *internet*, que "[...] em vez de as universidades do Nordeste ficarem aí fazendo sociologia, fazendo filosofia no agreste, [devem] fazer agronomia, em parceria com Israel" (WEINTRAUB, 2018, s.p). O foco mais uma vez incide sobre a troca das ciências humanas, concebidas como inúteis, por um possível benefício advindo de uma formação mais técnica e limitada ao contexto geográfico da região, por meio de uma visão, no mínimo reducionista, do que seria "o agreste" e de quem poderia estar apto ou não a fazer filosofia e sociologia. Escamoteia-se, portanto, a formação integral que possa fazer com que os sujeitos saiam da técnica, ultrapassando, assim, o utilitarismo dominante, de modo a encontrar a arte, a literatura e outras manifestações que dão sentido à existência humana.

No esteio desse contexto de dismantelamento das Ciências Humanas, podemos citar o Programa *Future-se*, lançado em 17 de julho de 2019 que, apesar do "objetivo de dar maior autonomia financeira a universidades e institutos por meio do fomento à captação de recursos próprios e ao empreendedorismo" (PORTAL DO MEC, 2019, grifo nosso), contempla o que ele chama de "novos caminhos", ou seja, "uma série de medidas para aumentar em 80% o número de matrículas na educação *profissional e tecnológica*" (PORTAL DO MEC, 2019, s.p., grifo nosso), deixando as Humanidades fora do texto.

Além de prever investimentos em zonas rurais com o aumento do acesso à *internet*, o Future-se prioriza as escolas Cívico-Militares e estimula a "literacia familiar, ou seja, a leitura pela família para as crianças; Política Nacional de Alfabetização: decreto com novas diretrizes para a alfabetização do país, baseadas em evidências científicas" (PORTAL DO MEC, jul. 2019), deixando transparecer uma postura enviesada para a educação, tendo em vista que, "ao avançar no ensino domiciliar, Bolsonaro prioriza 7 mil em vez de trabalhar para 45 milhões"⁷ (CAFARDO, 2019, s.p.), pois, na avaliação de muitos especialistas, a preferência por esse tema, além de absurda, "diante da quantidade de problemas nas escolas, tem explicação política: o *homeschooling* (educação familiar) se tornou uma pauta da bancada evangélica, que ajudou a eleger Bolsonaro" (CAFARDO, 2019, s.p.).

De acordo com a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), a mudança das regras de acesso aos recursos públicos para as pesquisas revela uma situação muito grave e demonstra que "o governo escalou na perseguição às Ciências Humanas e Sociais e *busca* retirar nossas condições de pesquisa no presente e comprometer o futuro, na medida em que atingem justamente aqueles que estão em processo de formação" (ABPC, 2020, s.p., grifo nosso). Ao desqualificar o trabalho das Humanidades, Bolsonaro se ergue não contra uma militância comunista que, no âmbito desse posicionamento discursivo, acredita em uma conspiração ideológica esquerdista contra um país inteiro, mas, coloca-se em desacordo com os propósitos e benefícios das Ciências Humanas e Sociais para a sociedade brasileira, as quais no campo da saúde, por exemplo, realizam pesquisas que "permitem compreender os efeitos diferenciados da Covid-19⁸ e das políticas públicas adotadas sobre populações diferenciadas" (ABPC, 2020, s.p.). Neste caso específico, por questões puramente ideológicas, o Governo Federal dificulta trabalhos científicos que, analisam "a consideração das desigualdades sociais, dos padrões de circulação e de vulnerabilidade que demanda esforços de investigação e assessoramento para os quais as Ciências Sociais e as Humanidades são fundamentais" (ABPC, 2020, s.p.).

Dessa maneira, o governo Bolsonaro põe os seus interesses políticos/ideológicos acima do bem comum da população brasileira e, com isso, revela o seu saber político, forjando uma realidade de alerta da segurança nacional contra potenciais inimigos, infiltrados no país para derrubá-lo do poder e instalar um regime totalitário de esquerda comunista⁹, provocando uma polarização, não como ação/reação natural entre dois espectros políticos que se enfrentam, mas um engendramento necessário para que uma prática discursiva singular seja possível,

⁷ No Brasil existem 45 milhões de estudantes em escolas públicas e 7 mil famílias que preferem educar seus filhos em casa. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/ao-avancar-no-ensino-domiciliar-bolsonaro-prioriza-7-mil-em-vez-de-trabalhar-para-45-milhoes,90ffd9f6c72da49b96570fc30aaf39f33s9vyad2.html>> Acesso em: 01 jul. 2020.

⁸ Nome da doença, popularmente conhecida como coronavírus, causada pelo vírus "Sars-Cov-2", que levou a Organização Mundial da Saúde a declarar a pandemia em 11 de março de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>> Acesso em: 02 jul. 2020;

⁹ O livro *Do fake ao fato: (des) atualizando Bolsonaro* (2020), organizado por Bruna Stutz, Mateus Pereira e Valdeir Araujo, traz uma coletânea de artigos que trabalham essas questões, destacando o tom belicoso do discurso de Bolsonaro, a exaltação ao Regime Militar e suas práticas de violência estatal, a conspiração como retórica de um discurso que visa gerar um clima de guerra, ressuscitando o comunismo como inimigo da segurança do país, pelo qual busca forjar-se como líder nacional e patriota que salvará o Brasil do colapso institucional.

visível e aplicável, capaz de ecoar na sociedade, garantindo ao bolsonarismo, o sentimento e a certeza de que existe uma guerra ideológica e, com isso, possa constituir um exército digital de civis na linha de frente, que luta contra a roubalheira, visto que agora o “povo” está no poder.

Trata-se de percepções que nos permitem, por meio de uma análise *arqueológica*, classificar o bolsonarismo como uma prática discursiva com base em dados reais e não embasados na memória ou na consciência dos homens, senão em um jogo real, onde existe um “campo das diferentes práticas em que encontra, ao mesmo tempo, sua especificação, suas funções e a rede de suas dependências [...], no qual teríamos de analisar a formação e as transformações de um saber” (FOUCAULT, 2008, p. 218). De acordo com Foucault (2008), o problema não se volta para o nascimento de uma consciência revolucionária, ou quais foram as influências econômicas e teóricas, enquanto gênese dessa consciência, mas, para “restos arqueológicos”, que nos fazem observar como se forma “uma prática discursiva e um saber revolucionário que estão envolvidos em comportamentos e estratégias, que dão lugar a uma teoria da sociedade e que operam a interferência e a mútua transformação de uns e outros” (FOUCAULT, 2008, p. 218).

Para entendermos a *arqueologia*, faz-se necessário um recuo até a crítica que o filósofo francês faz sobre a história das ideias, possibilitando a Foucault (2008) delinear o seu método arqueológico, por meio do qual se busca um jeito específico de escrever a história a partir de quatro pontos básicos: a *novidade* em não se buscar o pensamento ou qualquer forma abstrata no discurso, mas, analisá-lo a partir dele mesmo como uma prática e regido por regras específicas; a análise das *contradições* e não da continuidade do discurso sempre precedido por um anterior a ele, ou seja, a sua especificidade e o seu jogo de regras são irreduzíveis a qualquer outro; a preocupação com as *descrições comparativas*, que não tem como referência a obra, nem a premissa de um sujeito fundador que a delinea e como princípio de sua unidade; por fim, a *arqueologia* busca demarcar as *transformações* e “não procura reconstituir o que pôde ser pensado, desejado, visado, experimentado, almejado pelos homens no próprio instante em que proferiam o discurso” (FOUCAULT, 2008, p. 158). Na verdade, afirma Foucault (2008) que não se trata de uma repetição do que já foi dito, como se buscasse a origem do discurso, mas, em realizar uma reescrita que, na forma de exterioridade, se propõe a “uma transformação regulada do que já foi escrito. Não é o retorno ao próprio segredo da origem; é a descrição sistemática de um discurso-objeto” (FOUCAULT, 2008, p. 158).

Assim, no interior de sua regularidade discursiva, o bolsonarismo apresenta, justamente, um desejo de verdade que, em Foucault (1998), trata-se de um conjunto de procedimentos que regulam os enunciados desde a sua produção, lei, repartição, circulação e funcionamento, fazendo a “verdade” se ligar “a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime da verdade’” (FOUCAULT, 1998, p. 14). Desse modo, compreende-se como a lógica do saber bolsonarista se engendra nas instituições e na sociedade que ele governa, pois, além de um projeto de nação, o que entra em cena é uma prática política que, muitas vezes caminha na contramão da real necessidade da população. No bolsonarismo, portanto, é muito mais lógico defender a educação brasileira das influências do “marxismo cultural”, do que pôr em prática políticas públicas que garantam, na visão bolsonarista, a continuidade da lógica esquerdista implantada no

Ensino Superior, especialmente, nas Humanidades, dominadas por militantes comunistas, como tantas vezes acusou o discurso de Bolsonaro.

Em seu apelo para que conheçamos a “verdade”, Bolsonaro nos convida, justamente, a aceitar o seu discurso como verdadeiro e benéfico para nossas vidas e, com isso, demonstra seu viés político enquanto um saber que deve ser “conhecido”¹⁰ e vivido pela sociedade. Nesta breve análise daquilo que as suas enunciações nos dizem do modo como o Presidente da República trata as Ciências Humanas, cabe-nos perguntar se, ao buscar essa “verdade”, que o bolsonarismo pretende nos mostrar para que sejamos livres, não estaríamos trabalhando para desconhecer a verdade e nos aprisionando ao seu ideário?

A negação das Ciências Humanas como uma das regularidades discursivas do projeto de poder bolsonarista

Pelo método arqueológico, uma positividade tem a capacidade de formar objetos, enunciações, jogos conceituais e estratégias, tendo em vista que ela não é uma ciência, apesar de a possibilitar, e sim um saber (GIACOMONI; VARGAS, 2010). Portanto, “não interessa a esta análise onde o conhecimento deveria chegar, ou de onde partir; interessa a sua produção histórica e concreta” (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 128). Assim, temos visto do interior do bolsonarismo, enquanto formação discursiva, ou seja, enquanto um conjunto de regularidades discursivas entrevistadas num regime de dispersão.

A compreensão da função dos enunciados em uma prática discursiva é fundamental para entender a aplicação do método arqueológico foucaultiano, pois, essa análise permite um estudo mais abrangente, capaz de orbitar os objetos dispersos em suas formas de repartição, ou seja, descreve os sistemas de dispersão. Dessa maneira, “no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão”, mas, também “no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade [...] diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*” (FOUCAULT, 2008, p. 43). Nisto, “as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas)” (FOUCAULT, 2008, p. 43) serão denominados, por Foucault (2008), de *regras de formação*, “que são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

No discurso bolsonarista, identificamos que há uma regularidade que rege todos os enunciados que nele se dispersam, exercendo, cada um, uma função específica no interior dessa formação, assim, a unidade do bolsonarismo. Por exemplo, em torno da Ditadura Militar, todo um jogo de enunciações entra em funcionamento para demarcar os limites discursivos, ou seja, o que deve ou não ser refutado, pronunciado e replicado, bem como o modo como devem ser trabalhados no interior do discurso. Se um determinado enunciado garantir a lógica de uma

¹⁰ Demos destaque a essa palavra porque a nossa intenção era chamar atenção não para o real conhecimento do discurso bolsonarista, mas em relação àquilo e ao modo como o bolsonarismo deseja ser visto na sociedade, ou seja, uma força reacionária conservadora, pautada em valores morais e cristãos, em prol de um país livre das ideologias comunistas esquerdistas.

guerra contra o “sistema”, corrompido por um inimigo da nação que conspira para instalar um regime comunista no país e, por esse motivo, precisaríamos de um líder forte e salvador da pátria, ou seja, de um “Messias”, o próprio Presidente da República, o único que não se corrompeu em meio ao caos institucional, então, esse enunciado cumpre sua função, está em coerência com a lei que rege o discurso e, portanto, faz parte da formação discursiva bolsonarista. Desse modo, as Ciências Humanas, especificamente a História, teria sido escrita por militantes de esquerda que contam o que ocorreu sem se ater à “verdade sufocada” de que falava o general Brillante Ustra, tratado como “herói nacional” por Bolsonaro, mas concebido como “torturador cruel” do regime militar, tanto pelos relatos das vítimas, como por todo um saber historiográfico sobre o assunto, levado a cabo, principalmente, pelos diversos projetos de pesquisa acerca do tema, desenvolvidos nos grupos de pesquisa nas universidades país afora.

Desse modo, nas Ciências Humanas, para a prática discursiva bolsonarista, constituem o repouso do inimigo, ou seja, a formação de uma militância comunista de esquerda, infiltrada nos cursos superiores das Humanidades, cujos ativistas estão disfarçados de docentes e discentes, gerando debates, não para conhecer a “verdade” sobre a conjuntura social e da nossa história, especialmente, acerca do golpe de 1964 e da Ditadura Militar instalada no país naquela ocasião, mas, para constituir um verdadeiro grupo paramilitar e, com isso, tomar o poder, destruir a democracia e instalar um Regime Comunista no Brasil.

Nisto ganha sentido o combate olavista ao “marxismo cultural” na Ciência do Ocidente e, principalmente, do Brasil, bem como a aversão a autores como Paulo Freire, o qual em matéria da “Revista Isto é”¹¹, é considerado pelos bolsonaristas, como aquele que “instituiu um ‘método marxista crítico’ quando introduziu um modelo em que o aluno ‘quebra a posição superior do mestre, insurgindo-se contra aquele que detém o conhecimento’” (ISTO É, 2019, s.p.). Na guerra contra o comunismo, defendida pelo bolsonarismo, é preciso “limpar” as Ciências Humanas dessa influência nefasta e subversiva, impregnada nas Universidades brasileiras, onde...

O modelo freiriano de educação é celebrado pela reversão, pela indisciplina, pela insubordinação do aluno perante o professor. A péssima situação da educação brasileira revela por si só os resultados catastróficos da adoção dessa plataforma esquerdista de ensino (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2019, s.p.).

A fala supracitada é do Deputado Federal Heitor Freire (PSL-CE), autor do referido Projeto de Lei, protocolado “‘em homenagem ao professor’ *Olavo de Carvalho* – guru dos bolsonaristas” (ISTO É, 01 maio 2019, grifo nosso) e nos mostra como se efetiva a atuação do bolsonarismo, nas esferas do Poder, para combater tudo aquilo que acredita ser fruto da influência do “marxismo cultural” na educação brasileira, revelando a função desse enunciado (Ciências Humanas), que

¹¹ A referida matéria trouxe a defesa da Deputada Federal, Caroline de Toni (PSL-SC), a um Projeto de Lei que prevê a retirada do título de Patrono da Educação Brasileira, concedido ao educador, Paulo Freire, no ano de 2012. A Lei foi sancionada em 13 de abril daquele ano, pela então Presidente Dilma Rousseff e pode ser conferida no seguinte endereço eletrônico: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2012/04/16/paulo-freire-e-declarado-patrono-da-educacao-brasileira>> Acesso em: 02 jul. 2020.

estamos analisando no discurso bolsonarista. Atualmente, aqui referimo-nos ao mês de junho de 2020, a realidade do Ministério da Educação – nessa guerra que o bolsonarismo declarou contra o que ele chama de influência “marxista cultural”, cujo alvo principal são as Ciências Humanas – é de uma desolação e uma ineficácia quase generalizada, justamente, em um momento tão delicado por conta da pandemia do novo coronavírus, que paralisou o ensino em todo o país, prejudicando milhões de estudantes. Sem definição, até o momento, de um nome para a pasta o que se pode ver nos noticiários é uma queda de braço entre a ala ideológica olavista, que defende uma pessoa ligada ao seu ideário e a ala militar que prefere um nome técnico, em mais um capítulo dessa briga interna, no governo Bolsonaro, pelo comando do MEC.

Esse contexto demonstra que existe uma disputa de poder dentro do próprio bolsonarismo. Aliás, essa é uma realidade em qualquer governo, independente do espectro político e ideológico que o delinea. No saber bolsonarista, além da regularidade discursiva que já apresentamos, existe também esse desejo de verdade, mas, sobretudo, de poder, pois, uma vez alcançando-o, se faz necessário que seu ideário seja implantado, iniciando uma verdadeira batalha, no seio da sociedade, para que seja legitimado e aceito pela maioria da população, tendo em vista que “o poder não é um objeto natural, uma coisa: é uma prática social e [...] constituída historicamente” (MACHADO, 1998, p. X) e, essa constituição, não se impõe pela força, mas, pelo discurso, pela retórica e de técnicas que se valem do momento político e do contexto histórico, buscando atrelar a figura do sujeito enunciativo àquilo que a população deseja naquele instante. Com Bolsonaro e seu projeto de poder não foi diferente, ou seja, apegado a um discurso anticorrupção que, buscava se afastar do “sistema” corrompido, ao qual figuram na proa, o Congresso e, depois, o Supremo Tribunal Federal, recorrentemente atacados pelos bolsonaristas, o bolsonarismo consegue esse vigor político capaz de se impor e dominar o atual jogo do poder no Brasil.

O discurso depreciativo e negacionista em torno das Ciências Humanas, por sua vez, faz parte desse momento político do país, onde o bolsonarismo rege as malhas do poder, não sem resistência, é verdade, mas, uma vez alcançando as rédeas desse complexo jogo, consegue se engendrar no corpo social, espalhando seu ideário em toda sociedade, conseguindo adesão de uma parte e, como é de práxis em uma democracia, repulsa de outros tantos sujeitos. É, neste sentido, que o poder não pode ser visto como uma coisa que alguém se apodera, mas, algo que está penetrado “na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder” (MACHADO, 1998, p. XII).

Com isso, a microfísica do poder provoca um deslocamento analítico em relação ao seu espaço e do nível no qual o estudo se efetua. Para Machado (1998), o poder existe antes e além do Estado enquanto uma rede de poderes distribuídos em uma sociedade e nos remete à ideia de uma insurreição contra a noção que aponta o Estado como órgão central e único do poder.

Nesta lógica, o bolsonarismo, sozinho, não seria capaz de atingir o “domínio” das regras do jogo do poder político brasileiro, mas, a sua vitória foi possível porque seu discurso encontrou ressonância no estrato social ou, em outras palavras, em um contexto de escândalos de corrupção que, influenciado pela grande mídia nacional, pulverizou o prestígio e a imagem dos atores da política que há treze anos ocupavam a Presidência da República. Também conta a favor do discurso

bolsonarista a era da "pós-verdade" em que vivemos, possibilitando que narrativas não comprovadas cientificamente sejam acolhidas por grande parte da sociedade e que negam o que historicamente foi comprovado. Podemos citar, nesse caso, a postura anticientífica adotada pelo presidente Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19, especialmente nos atritos criados com os ex-ministros da Saúde, o descumprimento das medidas protetivas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como o uso de máscara e o distanciamento social. Isso exhibe uma conjuntura que nem mesmo os saberes médicos, até então emulados de um *status* de verdade, escapam dos impactos da mentira instituída pelas mídias digitais as quais negam o número de infectados, minimizam a epidemia e, paradoxalmente, encontram elixires milagrosos para a cura.

Portanto, é neste terreno fértil e promissor, que o discurso negacionista da ciência ganha sentido, pelo qual se torna "aceitável" a supressão das Humanidades, pois, uma vez corrompida pela ideologia comunista, nada de bom têm a oferecer e, por isso, devem ser excluídas de nosso meio, fazendo com que os cortes de verbas, as exclusões de programas de bolsas de estudos, os ataques e as acusações feitas contra as Ciências Humanas, não somente sejam assistidas silenciosamente pela sociedade, deixando de fora as exceções, mas, também, defendidas e replicadas no seio social por milhares de tantos outros sujeitos que se identificam com os posicionamentos discursivos do bolsonarismo.

Conclusão

Numa de suas últimas cartadas no Ministério da Educação, Weintraub revogou a portaria de cotas para negros, indígenas e pessoas com deficiências, com vistas ao ingresso em cursos de pós-graduação. Ainda que posteriormente essa ação tenha perdido a validade, não deixa de ser coerente com tudo o que ele pregou ao longo de sua passagem pelo cargo. Uma semana antes, ele afirmou num vídeo publicado no *Twitter* que "[...] Eu não quero mais sociólogo, antropólogo, não quero mais filósofo com meu dinheiro" (WEINTRAUB, 2020, s.p). O uso da primeira pessoa do singular leva-nos a entender que já não temos um dizer coletivo, senão o posicionamento pessoal do então ministro. Disso deriva o caráter autoritário do discurso, tendo em vista que o uso da coisa pública é enviesado por veleidade individual, por uma birra que não leva em consideração o caráter plural da sociedade.

Essa última fala revela-nos o *modus operandi* da prática discursiva bolsonarista, conforme demonstrado ao longo deste escrito. Há uma repetibilidade de um discurso que se manifesta em práticas de ataque às Ciências Humanas, especialmente à educação superior, pois os cursos dessa área são continuamente ofendidos, descredibilizados e achincalhados junto à opinião pública. Nesse intento, apela-se para o argumento de um suposto reajuste fiscal, cujo foco deve atingir os cursos que dão um retorno imediato para a população. Esse retorno está atrelado à questão mercadológica e financeira, rezando a cartilha das políticas neoliberais contemporâneas. Todavia, trata-se de um subterfúgio demandando pela prática discursiva bolsonarista para construir um projeto de poder que minimize a emergência de concepções críticas, as quais fariam ranger as verdades dessa prática discursiva, fundada em pilares relativamente frágeis. Conforme nos lembra Charlot (2019, p. 178), a barbárie ocorre quando não "reconhecemos o ser humano

como aventura singular e coletiva, quando tratamos como objeto, máquina, computador ou fantoche religioso ou ideológico esse extraordinário organismo biopsicocultural e histórico que um ser humano é".

Referências

AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já enquadra UnB, UFF e UFBA. **O Estado de S. Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>> Acesso em: 02 jul. 2020.

AMARAL, Luciana. Weintraub deixa saldo negativo e projeto sem perspectiva no Congresso. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/25/weintraub-deixa-saldo-negativo-e-projeto-sem-perspectiva-no-congresso.htm>> Acesso em: 02 jul. 2020.

AVANÇA a perseguição ideológica às Ciências Humanas e Sociais. **Associação Brasileira de Ciência Política**, 2020. Disponível em: <<https://cienciapolitica.org.br/noticias/2020/04/avanca-perseguiacao-ideologica-ciencias-humanas-e-sociais>> Acesso em: 01 jul. 2020.

BOLSONARISTAS não querem Paulo Freire patrono da educação. **Istoé**, 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaristas-nao-querem-paulo-freire-patrono-da-educacao/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

BOLSONARO critica Paulo Freire, e Twitter lembra que 'energúmeno' é referência mundial em educação. **HuffPost**, 2019. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/paulo-freire-energumeno_br_5df7d8fae4b0ae01a1e51db2> Acesso em: 02 jul. 2020.

BOLSONARO diz que jovem brasileiro tem "tara" por formação superior. **Exame**, 2018. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-jovem-brasileiro-tem-tara-por-formacao-superior/>> Acesso em: 30 jun. 2020.

BORGES, Helena. Bolsonaro defende cortes em cursos de Humanas e diz que dinheiro do contribuinte deve ir para 'leitura, escrita e fazer conta'. **O Globo**, 2019. Sociedade. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-cortes-em-cursos-de-humanas-diz-que-dinheiro-do-contribuinte-deve-ir-para-leitura-escrita-fazer-conta-23623980>> Acesso em: 02 jul. 2020.

CAFARDO, Renata. Ao avançar no ensino domiciliar, Bolsonaro prioriza 7 mil em vez de trabalhar para 45 milhões. **Terra**, 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/ao-avancar-no-ensino-domiciliar-bolsonaro-prioriza-7-mil-em-vez-de-trabalhar-para-45-milhoes,90ffd9f6c72da49b96570fc30aaf39f33s9vyad2.html>> Acesso em: 01 jul. 2020.

CARLOS Bolsonaro diz que Humanas ensinam 'como dar a rosca sem dor'. **Catraca Livre**, 2019. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/carlos-bolsonaro-diz-que-humanas-ensinam-como-dar-a-rosca-sem-dor/>> Acesso em: 01 jul. 2020.

CHARLOT, Bernard. A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta, **Educ. rev.** Curitiba, v. 35 n.73, jan./fev. 2019.

ALVES, A. S. S.; SILVA, F. V. *Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo: da repetição à prática*. Dossiê: “Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil”.

CURCINO, Luzmara. “Conheceis a verdade e elas vos libertará: livros na eleição presidencial de Bolsonaro, **Discurso & Sociedad**, Santiago, v. 13, n.3, p. 468- 494, 2019.

ERNESTO, Marcelo. Entenda a briga entre olavistas e militares no governo Bolsonaro. **Estado de Minas**, 2019. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/07/interna_politica,1051683/entenda-a-briga-entre-olavistas-e-militares-no-governo-bolsonaro.shtml> Acesso em: 02 jul. 2020.

FIGUEIREDO, Patrícia. Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou o ‘kit gay’. **El País**, 2018. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html> Acesso em: 02 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998.

GESTORES educacionais criticam falta de orientação do MEC durante a pandemia.

Agência Câmara de Notícias, 2020. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/noticias/657705-gestores-educacionais-criticam-falta-de-orientacao-do-mec-durante-a-pandemia/>> acesso em: 02 jul. 2020.

GIACOMONI, Marcelo Paniz.; VARGAS, Anderson Zalewski. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 119-129, fev/2010.

Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25129>> Acesso em: 01 jul. 2020.

GOVERNO Bolsonaro corta recursos da educação básica. **Rede Brasil Atual**, 2019.

Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/07/governo-bolsonaro-corta-recursos-da-educacao-basica/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

JANARY JUNIOR; SILVEIRA, Wilson. Projeto revoga lei que declarou Paulo Freire patrono da educação. **Agência Câmara de Notícias**, 2019. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/noticias/558470-projeto-revoga-lei-que-declarou-paulo-freire-patrono-da-educacao/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

KLEM, Bruna Sultz. PEREIRA, Mateus; ARAÚJO, Valdei. (Org.). **Do fake ao fato: (des) atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

MACHADO, Roberto. Por uma Genealogia do Poder. In.: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998.

MARTINS, Maria do Carmo. Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer, **Educ. rev.** Curitiba, n. 51, p. 37-50, jan./mar. 2014.

MENEZES, Dyelle; PERA, Guilherme. “É a maior revolução na área de ensino no país dos últimos 20 anos”, diz ministro. **Gov.br**, 2019. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/12-aco-es-programas-e-projetos-637152388/83511-e-a-maior-revolucao-na-area-de-ensino-no-pais-dos-ultimos-20-anos-diz-ministro>> Acesso em: 02 jul. 2020.

ALVES, A. S. S.; SILVA, F. V. *Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo: da repetição à prática*. Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

MINISTRO Véllez diz que vai revisar livros didáticos sobre golpe de 64 e ditadura. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/04/ministro-velez-diz-que-vai-revisar-livros-didaticos-sobre-golpe-de-64-e-ditadura.ghtml>> Acesso em: 02 jul. 2020.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Trad. Luiz Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

'OLAVISTAS' acusam militares de sabotagem e de isolar o ministro da Educação. **Gazeta do Povo**, 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/olavistas-acusam-militares-de-sabotagem-e-de-isolar-o-ministro-da-educacao-6s7bb3fxu0ji5d76moblcpvhp/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

'OLAVISTAS' e militares estão entre os grupos que brigam por poder no Ministério da Educação. **Itatiaia**, 2019. Disponível em: <<https://www.itatiaia.com.br/noticia/olavistas-emilitaresestao-entre-os-grupos-que>> Acesso em: 02 jul. 2020.

OLIVEIRA, Rodrigo Perez. O negacionismo científico olavista: a radicalização de um certo regime epistemológico. In: KLEM, B. S.; PEREIRA, M.; ARAÚJO, V. (Org.). **Do fake ao fato**: (des) atualizando Bolsonaro. Vitória: Milfontes, 2020. p. 81-100.

ORGIS, Guido. O que o MEC pode fazer além de discutir o 'olavismo'. **Gazeta do Povo**, 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/guido-orgis/o-que-o-mec-pode-fazer-alem-de-discutir-o-olavismo/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

PAULO Freire é declarado patrono da educação brasileira. **Agência Senado**, 2012. Sanções/Vetos. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2012/04/16/paulo-freire-e-declarado-patrono-da-educacao-brasileira>> Acesso em: 02 jul. 2020.

PROPOSTA DE PLANO GOVERNO DE JAIR BOLSONARO. **O caminho da prosperidade**, 2018. Disponível em: <http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

PRATA, Pedro. Propostas para a educação: o que já foi feito pelo governo Bolsonaro? **O Estado de S. Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,propostas-para-a-educacao-o-que-ja-foi-feito-pelo-governo-bolsonaro,70002857514>> Acesso em: 02 jul. 2020.

REZENDE, Costança. Weintraub: 'Não quero sociólogo, antropólogo e filósofo com meu dinheiro', **Uol**, 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/constanca-rezende/2020/06/14/weintraub-nao-quero-sociologo-antropologo-e-filosofo-com-meu-dinheiro.htm>>. Acesso em 07 jul. 2020.

ROCHA, Gessyca. Véllez teve a terceira gestão mais curta no MEC desde 1985; veja lista com todos os ministros. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/08/velez-teve-a-terceira-gestao-mais-curta-no-mec-desde-1985-veja-tempo-de-gestao-de-todos-os-ministros.ghtml>> Acesso em: 01 jul. 2020.

SALDAÑA, Paulo. Em meio a pandemia, governo Bolsonaro investe contra pesquisa em ciências humanas. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em:

ALVES, A. S. S.; SILVA, F. V. *Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo: da repetição à prática*. Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/em-meio-a-pandemia-governo-bolsonaro-investe-contra-pesquisa-em-ciencias-humanas.shtml>> Acesso em: 01 jul. 2020.

SALDAÑA, Paulo. Gestão de Weintraub no MEC foi marcada por ataques e projetos parados. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/gestao-de-weintraub-no-mec-foi-marcada-por-ataques-e-projetos-parados.shtml>> Acesso em: 01 jul. 2020.

SANTOS, Fabiano, TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil, **Colomb.int**, Bogotá, n.99,p. 151-186, jul/sep. 2019.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **EID&A**, Ilhéus, n. 18, p. 122-138, abr./2019. Disponível em: <[file:///C:/Users/Cliente%20Especial/Desktop/MESTRADO/LEITURAS%20DE%20TEXTOS/SEIXAS%20\(TEXTO\).pdf](file:///C:/Users/Cliente%20Especial/Desktop/MESTRADO/LEITURAS%20DE%20TEXTOS/SEIXAS%20(TEXTO).pdf)> Acesso em: 03 jun. 2020.

SIMON, Rodrigo. Novos critérios da Capes vão cortar bolsas até de cursos de excelência. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2020/03/novos-criterios-da-capes-va-o-cortar-bolsas-ate-de-cursos-de-excelencia.shtml>> Acesso em: 01 jul. 2020.

SOUZA, Isabela. Projeto Escola Sem Partido: argumentos contra e a favor. **Politize**. 2018. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/projeto-escola-sem-partido/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

VEJA. **Vídeo completo**: a reunião de Bolsonaro com Ministros em 22 de abril. 2020. (1h32m40s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nfgv7DLdCqA>> Acesso em: 15 jun. 2020.

VEJA. **Universidades com 'balbúrdia' terão verbas reduzidas**, diz Weintraub, 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/universidades-com-balburdia-terao-verbas-reduzidas-diz-weintraub/>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

VILELA, Pedro Rafael. Bolsonaro anuncia Carlos Decotelli como novo ministro da Educação. **Agência Brasil**, 2020. Política. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-06/bolsonaro-anuncia-carlos-decotelli-como-novo-ministro-da-educacao>> Acesso em: 30 jun. 2020.

ZINET, Caio. Especialistas desconstroem os 5 principais argumentos do Escola Sem Partido. **Educação Integral**, 2016. Notícias. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/especialistas-desconstroem-os-5-principais-argumentos-escola-sem-partido/>> Acesso em: 02 jul. 2020.

Enviado em: 08/julho/2020 | Aprovado em: 11/setembro/2020